

Trabalhadores marítimos
internacionais e transnacionalismo
no século XXI



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

MARCELO KNOBEL

Coordenadora Geral da Universidade

TERESA DIB ZAMBON ATVARIS



Conselho Editorial

Presidente

MÁRCIA ABREU

EUCLIDES DE MESQUITA NETO – IARA LIS FRANCO SCHIAVINATTO

MARCOS STEFANI – MARIA INÉS PETRUCCI ROSA

OSVALDO NOVAIS DE OLIVEIRA JR. – RENATO HYUDA DE LUNA PEDROSA

RODRIGO LANNA FRANCO DA SILVEIRA – VERA NISAKA SOLFERINI

HELEN SAMPSON

TRABALHADORES MARÍTIMOS
INTERNACIONAIS E TRANSNACIONALISMO
NO SÉCULO XXI

Tradução

Fernando Ramalho Martins

Revisão da tradução

Rodrigo Salles Pereira dos Santos

EDITORIA UNICAMP

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990. Em vigor no Brasil a partir de 2009.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO
Bibliotecária: Maria Lúcia Nery Dutra de Castro – CRB-8ª / 1724

Sampson, Helen.

Trabalhadores marítimos internacionais e transnacionalismo no século XXI /
Helen Sampson; tradução: Fernando Ramalho Martins. – Campinas, SP:
Editora da Unicamp, 2018.

Tradução de: International Seafarers and Transnationalism in the Twenty First
Century.

CDD -

ISBN 978-85-268-1476-9

Somente para venda no Brasil.
Não pode ser exportado.

Primeira edição original em língua inglesa publicada com o título
International seafarers and transnationalism in the twenty-first century

Copyright © 2014 by Manchester University Press
Oxford Road, Manchester, M13 9NR, UK
Todos os direitos reservados.

Copyright © 2018 by Editora da Unicamp

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Printed in Brazil.
Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados a

Editora da Unicamp
Rua Caio Graco Prado, 50 – Campus Unicamp
CEP 13083-892 – Campinas – SP – Brasil
Tel./Fax: (19) 3521-7718/7728
www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br

Em memória de Richard K. Brown,
o homem extraordinariamente amável que me
introduziu na sociologia.

NOTA DA TRADUÇÃO

O inglês é a língua adotada nos navios, embora não seja o idioma nativo da maioria dos trabalhadores marítimos e de seus familiares, cujos depoimentos fazem parte deste livro. Na versão original, foram mantidas algumas marcas de oralidade como repetições, falta de concordância, frases sincopadas etc. Na tradução, essas marcas foram eliminadas, adequando o texto ao português padrão.

AGRADECIMENTOS

Eu gostaria de agradecer a todas as pessoas que me ajudaram nesta pesquisa e que me acolheram a bordo das embarcações em que naveguei, assim como durante minha estada na Índia e em Hamburgo.

Sou grata a Tony Lane por me introduzir no ofício de marítimo, a Nelson Turgo por buscar referências de última hora para mim e a Louise Deeley pela considerável ajuda com a apresentação do manuscrito final.

Gostaria também de agradecer aos colegas, amigos e familiares que leram e comentaram partes deste texto ou que me encorajaram nos *bastidores*, em particular: José Ricardo Ramalho, Ray Hudson, Michael Bloor, Lionel Cliffe, Chris Jones, Tony Novak, Michael Burawoy, Anne Kennedy, Diana Sampson e David Walters. Porém, é com Huw Beynon que tenho minha maior dívida de gratidão, por sua valorosa e infalível crítica, por seu encorajamento e por tomar conta da *família* durante tantas ausências.

A pesquisa que dá base a este livro é parte de um estudo sobre o transnacionalismo no mar, financiado pelo Fundo Social Europeu (referência L214252036). Em conexão com esse estudo, foi realizado um trabalho em múltiplos contextos por uma equi-

pe de pesquisadores (Michael Bloor, Geoff Bourne, Erol Kahveci, Tony Lane, Helen Sampson, Torsten Schroeder, Michelle Thomas). Contudo, este livro é baseado apenas na minha experiência pessoal em comunidades na Índia e a bordo de cinco diferentes navios com tripulações multinacionais. Em relação ao trabalho realizado em Hamburgo e no norte da Alemanha, agradeço a Torsten Schroeder e a Nelson Turgo pela assistência e pela contribuição de ambos.

A permissão para reproduzir *Sea fever*, de John Masefield (Capítulo 3), foi gentilmente concedida por The Society of Authors, representante literária de sua obra.

I wanna go home, composição e música de Van Morrison e Lonnie Donegan © 2010, foi reproduzida no Capítulo 5 com permissão de EMI Music Publishing Ltd, Londres W8 5SW, e de Conexion Music Ltd, 10 Heathfield Terrace, Londres W4 4JE.

SUMÁRIO

PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA.....	13
1. NO MAR.....	23
2. TRANSNACIONALIDADE E ESPAÇO ESTRUTURADO	41
A ideia de transnacionalidade.....	43
Marítimos e transnacionalidade	54
Desigualdades e transnacionalidade.....	56
Espaço estruturado.....	62
3. AS MUDANÇAS NA INDÚSTRIA DE TRANSPORTE MARÍTIMO E SUAS CONSEQUÊNCIAS PARA OS TRABALHADORES CONTEMPORÂNEOS.....	73
A globalização da indústria de transporte marítimo	74
O papel do “Estado de bandeira”.....	78
Propriedade e registro da embarcação: O impacto sobre a composição da tripulação	81
Escolhendo uma bandeira, escolhendo uma tripulação: Decisões de operadores de navios.....	87
Diferenças setoriais e o impacto do mercado de trabalho marítimo sobre a globalização	93
A ascensão das empresas de gestão de navios.....	97
Trabalho terceirizado: Agentes de recrutamento e a distância entre marítimos e operadores de embarcação.....	100
4. TRABALHADORES MARÍTIMOS TRANSMIGRANTES NA ALEMANHA	111
Se virando: Transmigrantes ganenses no norte da Alemanha.....	121
Esperando: Transmigrantes cabo-verdianos presos em terra.....	128

Escapando: Marítimos cabo-verdianos detentores de passaportes portugueses.....	142
Laços “de família”.....	148
Transnacionalidade entre os trabalhadores marítimos transmigrantes na Alemanha.....	153
5. VIDA A BORDO: NAVIOS, HIERARQUIA E CARGA DE TRABALHO.....	159
A hierarquia no mar.....	164
Poder e autoridade: O capitão é rei.....	167
A influência de outros postos hierárquicos.....	178
O predomínio do trabalho.....	182
6. ESPAÇOS FÍSICOS E ESPAÇOS SOCIAIS: MARÍTIMOS NO TRABALHO E EM DESCANSO.....	189
Locais e espaços de trabalho.....	193
Trabalhadores marítimos com “responsabilidades rotativas”.....	195
Na ponte de comando.....	199
Na cozinha.....	205
A casa de máquinas: Suando a camisa?.....	206
Esfregando os deques?.....	209
Espaço físico e organização social.....	211
Características gerais dos navios como ambientes de convivência.....	212
Hierarquia e espaço.....	219
7. NACIONALIDADE E TRANSNACIONALIDADE NO MAR.....	225
A interação da nacionalidade com a hierarquia.....	227
As relações entre os marítimos: Integração a bordo.....	239
Mantendo contato com a “casa”.....	251
Transnacionalismo e integração.....	257
8. LAR TRANSNACIONAL?.....	265
Os contextos social e econômico de Mumbai e Goa.....	268
Adaptando-se à vida como uma companheira de marítimo.....	273
Mudanças de perspectiva: O impacto indireto da globalização econômica.....	288
Vidas transnacionais por associação?.....	296
9. SOBRE TRANSNACIONALISMO, PESSOAS E ESPAÇO.....	299
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	319
ÍNDICE REMISSIVO.....	329

PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA

“Eu nunca tinha estado em um navio cargueiro. Achava que, uma vez no mar, ficaria com medo das fortes ondas e das tempestades; que enjoaria; que me entediaria. Nada disso ocorreu. Fui conquistada pelo mar e pelos trabalhadores marítimos.”

Essa confissão, de uma inspirada pesquisadora, é um dos trechos que ilustram as primeiras páginas do livro de Helen Sampson. Trata-se de uma obra que, de forma bastante original, combina um arrojado trabalho etnográfico com a história de vida de trabalhadores/migrantes recrutados em escala global: “eu queria compreender como esses trabalhadores viviam: como sobreviviam no mar e como lidavam com as longas ausências (associadas ao trabalho) de seus lares, amigos e familiares”.

A investigação se insere na melhor tradição da “Escola de Manchester” de antropologia social, e não se furta a associar uma descrição detalhada das viagens e dos processos de trabalho no interior de embarcações de grande porte com uma discussão teórica mais ampla presente nas várias áreas de estudo relativas ao trabalho, à migração e à internacionalização das atividades empresariais.

Pesquisar esses trabalhadores significa considerar inicialmente o fato de que o transporte marítimo é um dos setores econômicos mais globalizados, e isso se aplica também ao recrutamento de

uma força de trabalho formal e informal, espalhada em vários cantos do mundo. Mas a preocupação da autora vai além, ao abranger as comunidades portuárias que são a base de referência dos marítimos migrantes em busca de trabalho (no caso, grupos de trabalhadores de Gana e Cabo Verde, sediados no norte da Alemanha, e de trabalhadores vindos de duas regiões na Índia, Goa e Mumbai). Sua intenção foi captar, da perspectiva dos próprios trabalhadores, como suas vidas são afetadas por todo esse processo, incluindo os locais de onde partem para as viagens embarcadas.

Os destaques do livro, a meu ver, são a demonstração de desprendimento pessoal na imersão do trabalho de campo e o uso preciso – e ao mesmo tempo apaixonado – da descrição de como esse processo ocorreu. Não só o espanto inicial, a riqueza de detalhes, o uso de fotografias, que impressionam o leitor, como a curiosidade sociológica explicitada de forma franca, revelando as iniciativas, mas também as dúvidas, os medos... “Não gosto de altura ou escadas em geral e olhava o passadiço com desdém e um bocado de desconfiança. [...]. O nó no meu estômago apertou, mas me preparei mentalmente e comecei a andar em direção à ameaçadora estrutura de metal que, além de hostil, parecia não ter condições de enfrentar o mar (para os meus olhos inexperientes).”

A opção por uma observação participante nesse contexto, apesar dos óbvios percalços (o fato de ser mulher em um ambiente masculino, por exemplo), além da sensibilidade da pesquisadora, resultou em uma relação de colaboração com os trabalhadores: “contrariando meus temores, a tripulação de trabalhadores marítimos suecos e filipinos acolheu-me em suas vidas e por 42 dias vivi e trabalhei ao lado deles, pintando o navio com eles, aventurando-me em terra firme em um bar de marinheiros e até mesmo dançando e cantando com eles”.

Uma investigação que tem como base trabalhadores de várias nacionalidades circulando pelo mundo em embarcações naturalmente contribui para o debate sobre novas características criadas por um mercado de trabalho globalizado. Preenche uma lacuna importante com sua especificidade. Da mesma forma que o processo de globalização vem atuando no sentido de desregular as legislações de proteção do trabalho e flexibilizar as regras de contratação nos diversos setores da economia, em especial na indústria, também no transporte marítimo houve mudanças que implicaram um alargamento de fronteiras no que diz respeito aos mecanismos de proteção, com o crescimento no número de trabalhadores temporários migrantes, terceirizados, dependentes cada vez mais de intermediários para conseguirem operar como tripulantes nos navios.

Uma das estratégias adotadas por esse tipo de atividade, em face da globalização, foi a modificação, por parte dos operadores/donos de navios, do “registro de localização de suas embarcações”. Segundo Sampson, tais operadores passaram a aderir “aos registros abertos (também conhecidos como Bandeiras de Conveniência ou BdCs)” e, “com a ‘abertura dos registros’, veio a ‘internacionalização da tripulação’ e o desenvolvimento de um mercado de trabalho genuinamente globalizado para os marítimos”. Nesse novo contexto, as empresas buscaram recrutar trabalhadores marítimos em países carentes de empregos, o que inibiu movimentos de resistência à precariedade das condições de vida e trabalho a bordo, evitando inclusive o apelo aos sindicatos, acionados apenas em situação extrema de não pagamento de salários.

A descrição do espaço e das condições de trabalho dentro das embarcações feita pela autora é primorosa. “O navio é um monstro laborioso e os marítimos trabalham nele sem parar, 24 horas por dia”; trata-se de um local de trabalho e de vida,

de uma “fábrica móvel” que conforma uma relação capital-trabalho específica, mas que tematiza de maneira radical as dinâmicas espaciais que caracterizam as relações sociais e de trabalho em um mundo globalizado. O confinamento e a abrangência das distâncias percorridas por essas estruturas conectam e hierarquizam comunidades socialmente muito diversas e funcionam como polos opostos e complementares às estratégias dos trabalhadores e a seus padrões de vida e trabalho.

Como em outros setores, a vida dos trabalhadores marítimos é dura quando estão embarcados, e a precariedade dos laços de trabalho se destaca no relato de Sampson: “a vida a bordo de um cargueiro mercante é barulhenta, solitária e perigosa. Os marítimos são trabalhadores precários. Eles trabalham sob contratos bastante longos e geralmente temporários, podendo ser contratados ou demitidos arbitrariamente”.

Além disso, o trabalhador marítimo é diverso. A leitura do livro torna possível ter acesso a uma descrição dos diferentes processos de trabalho que existem nas embarcações de grande porte. Em uma força de trabalho composta de oficiais e subalternos, Sampson ressalta a posição do capitão e seu poder para definir a “estrutura” do espaço a bordo, tendo em vista que, no mar, os trabalhadores marítimos ficam distantes de qualquer jurisdição do Estado de bandeira. “O capitão, o chefe de máquinas e os oficiais seniores geralmente exercem o direito à prioridade no uso das instalações e dos recursos disponíveis”. Essa hierarquia comanda a organização e o uso do espaço físico no navio, impondo-se no que diz respeito às relações sociais e de trabalho e estabelecendo um padrão de controle do processo de trabalho bastante eficaz. Nesse sentido, o recrutamento de tripulações de nacionalidade mista, na verdade, a fortalece: “muitos oficiais consideram que as tripulações de nacionalidade

mista são mais fáceis de controlar do que as de nacionalidade única, cujos membros podem oferecer resistência às instruções e/ou ‘se rebelar’”.

Cabe à tripulação contratada nos vários países o pior trabalho de rotina. Nas observações sobre a limpeza dos compartimentos de carga, por exemplo, quando as tarefas são realizadas no mar, confirma-se a falta de segurança no trabalho. São locais em geral “quentes, barulhentos e cheios de ar estagnado (e, às vezes, gases nocivos [...])”.

Para a autora, o fato de ser um espaço físico que faz parte de uma estrutura flutuante confinada “influencia fortemente a experiência de ser um trabalhador marítimo e a forma como eles concebem o trabalho, a socialização e o comportamento nas horas de folga”.

O extenso trabalho de campo, a etnografia cuidadosa e a curiosidade sociológica presentes neste livro representam também uma novidade ao adensarem as abordagens que discutem a circulação de trabalhadores no contexto de um capitalismo globalizado. Helen Sampson, a partir dos seus dados empíricos, não se furta a se posicionar nesse debate intelectual, defender hipóteses e questionar conceitos estabelecidos.

Sua contribuição é crítica à discussão sobre migração e transnacionalidade. Através de sua pesquisa, a autora defende que “o conceito de transnacionalidade precisava ser reduzido a seus fundamentos mais básicos de significação”, a fim de diferenciar experiências de vida e trabalho propriamente transnacionais (bastante raras) daquelas que, a despeito da enorme influência dos enquadramentos socioeconômicos globais nos quais se inserem, permanecem marcadas pela segregação social, fazendo “pouco sentido falar de vidas transfronteiriças ou transnacionais verdadeiramente integradas”. Dessa forma, questões relativas ao espaço – físico e social – mostraram-se essenciais para

avaliar a “natureza qualitativa das vidas e experiências tanto dos trabalhadores marítimos quanto de suas famílias” nas comunidades de origem e de destino, assim como nas transições entre os navios e seus lares.

Para Sampson, embora a indústria de transporte marítimo – um pilar dos chamados serviços de produção – esteja na vanguarda do processo de globalização, “isso não necessariamente produz relações sociais transnacionais”. Nesse sentido, a autora argumenta que a transnacionalidade apresenta variações em termos contextuais e recebe a influência dos diferentes tipos de espaços sociais pelos quais circulam os trabalhadores marítimos e suas famílias.

Introduz, na análise, o uso da expressão “espaço estruturado” para explicar as externalidades das vidas dos migrantes, buscando propositalmente evitar as interpretações mais comuns nessa área de estudos que enfatizam na migração atributos individuais como educação, classe, redes etc. Para Sampson, essa ideia alerta “para a necessidade de focalizar não apenas as redes, as práticas e os comportamentos de indivíduos e grupos (o foco de grande parte da literatura sobre transnacionalidade), mas também as estruturas sociais que envolvem e limitam ou, inversamente, favorecem migrantes e potenciais transnacionais”.

Uma visão mais complexa desse processo levou a autora a incluir na discussão sobre migração através do trabalho o acompanhamento de algumas comunidades de origem dos trabalhadores, sua participação e seu papel social. Para tanto, são apresentadas situações diversas de transmigrantes ganenses e cabo-verdianos na Alemanha. Os ganenses, apesar de “experiências de exclusão, racismo e falta de acesso ao trabalho”, conseguiam promover alternativas socioeconômicas à exclusão temporária do mercado de trabalho marítimo, enquanto os transmigrantes cabo-verdianos mostravam-se “menos capazes

de superar as barreiras sociais, legais, culturais e econômicas” dela derivadas.

Ademais, enquanto o impacto da globalização econômica e do transnacionalismo nos pormenores da vida familiar permanece, em geral, pouco explorado na literatura, a questão recebe atenção especial neste livro. Ao estender a investigação para as mulheres e para as comunidades de origem dos trabalhadores, o estudo amplia a compreensão sobre a vida de trabalho dos marítimos, suas conexões familiares e suas estratégias. Sampson observa que “o foco dos trabalhos sobre migração recai frequentemente sobre a vida dos migrantes e é fácil ignorar o impacto da migração sobre comunidades, amigos e familiares, que são deixados para trás quando da busca por novas oportunidades de emprego”.

Sua argumentação vai no sentido de reconhecer as dificuldades em categorizar pessoas “cujos *status* e identidades são dinâmicos e caracterizados tanto pela sobreposição quanto pela ruptura”. Ao mesmo tempo em que identifica as dificuldades das definições de transnacionalismo “em ‘capturar’ números expressivos de pessoas” envolvidas nesse processo, reconhece que “as mudanças no mercado de trabalho e a concomitante revolução nas telecomunicações e na tecnologia de informação tenham transformado de modo significativo as experiências de migração”.

No entanto, diz a autora, o fato de os migrantes poderem “se estabelecer (ou trabalhar) em novos lugares, sem cortar ligações com suas casas e países de origem, abre caminho para a emergência de novos tipos de identidades, política, redes e comunidades”. E conclui: “explorar essas possibilidades em conexão com o conceito de transnacionalidade permite considerar um nível mais profundo da complexidade do impacto da migração sobre os grupos de trabalhadores e suas famílias”.

Em resumo, a oportunidade de ter em mãos o livro de Helen Sampson, traduzido para o português, oferece para a comunidade de cientistas sociais brasileiros o acesso a um trabalho bem escrito e inspirado; a uma etnografia com a marca dos grandes mestres das ciências sociais e sofisticada argumentação e diálogo teórico com base em exemplos bem fundamentados e erguidos a partir de exaustivo trabalho de campo. Trata-se, sem dúvida, de uma novidade no debate sobre os desdobramentos econômicos e políticos do processo de globalização, mas, acima de tudo, revela um aspecto essencial desse processo através da problematização das estratégias daqueles trabalhadores que vivem dentro de navios por todos os lugares do mundo.

José Ricardo Ramalho